



ALEXA, O QUE É SAUDÁVEL?

EXPERIÊNCIAS DE PESQUISA COM CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL NA PERSPECTIVA DA ABORDAGEM DE REGGIO EMILIA

Ana Claudia Lara ¹

Orientadora: Roberta Rocha Borges ²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo relatar uma experiência pedagógica desenvolvida com uma turma de 22 crianças, com idades entre 3 anos e meio e 6 anos, em uma escola pública municipal de Campinas (SP). A proposta consistiu no uso da assistente virtual Alexa como mediadora de pesquisas cotidianas sobre alimentação saudável, a partir da apresentação do cardápio visual e tátil, em uma perspectiva inspirada na abordagem de Reggio Emilia. A experiência, com duração de nove meses, constitui um recorte de uma pesquisa de mestrado desta mesma docente, intitulada “A alimentação na abordagem reggiana e suas possibilidades educativas na escola de educação infantil”. Nesta vivência, buscou-se promover o letramento digital e o protagonismo infantil, estimulando a curiosidade e a autonomia das crianças por meio da interação com a tecnologia. Fundamentado nos princípios de Loris Malaguzzi sobre as “cem linguagens da criança”, o trabalho evidencia como as tecnologias digitais podem integrar-se de modo significativo às práticas da educação infantil, respeitando as múltiplas formas de expressão e investigação infantil. Os resultados demonstram que o uso pedagógico da Alexa ampliou o repertório linguístico, favoreceu a construção de conhecimentos científicos de forma acessível e fortaleceu a escuta sensível e o papel mediador da professora.

Palavras-chaves: Educação Infantil. Reggio Emilia. Tecnologias Digitais.

Letramento Digital. Alimentação Saudável.

¹ Estudante de pós-graduação do programa de Mestrado Profissional em Educação Escolar da Faculdade de Educação da Unicamp, graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Anhanguera, com especialização em Neuroeducação pelo Centro Universitário Ítalo Brasileiro. Tem experiência na área de Educação como Pedagoga e Coordenadora Pedagógica, com ênfase em Educação Infantil. Já trabalhou na rede particular de ensino de Pirassununga/SP e atualmente é professora PEB I na Prefeitura Municipal de Campinas/SP. E-mail: analara.neuroedu@gmail.com.

² Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Campinas, Mestra em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, Doutora em Psicologia da Educação Universidade de Genebra e Pós doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas. Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Políticas Públicas da Universidade Estadual de Campinas - NEPP/Unicamp e do Laboratório de Pesquisa em Educação e Diversidade/LEPED - Unicamp. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas Públicas Aplicadas às Tecnologias Digitais na Educação de Crianças - GEPPPATEC - NEPP/Unicamp. E-mail: borgesrocha@gmail.com.



INTRODUÇÃO

A inserção das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) na educação infantil é um desafio contemporâneo que demanda sensibilidade pedagógica e reflexão crítica sobre o papel das tecnologias nas experiências das crianças. Quando integradas de forma criativa, colaborativa e mediada, as TDIC ampliam as possibilidades de pesquisa, comunicação e expressão infantil (Kenski, 2012; Almeida; Valente, 2011).

O presente trabalho emerge da observação cotidiana de uma turma de 22 crianças, entre 3 anos e meio e 6 anos de idade, em uma escola pública municipal de Campinas (SP). Diante do interesse das crianças pelos recursos tecnológicos e pela alimentação, propôs-se o uso da assistente virtual Alexa como ferramenta de pesquisa sobre os benefícios dos alimentos apresentados no cardápio escolar.

A ABORDAGEM DE REGGIO EMILIA E AS CEM LINGUAGENS DA CRIANÇA

A abordagem de *Reggio Emilia*, originada na Itália após a Segunda Guerra Mundial, valoriza a escuta, a colaboração e a expressão simbólica das crianças em múltiplas linguagens. Malaguzzi (2016) concebe a criança como produtora de cultura e protagonista do processo educativo, dotada de potencial criativo e de cem formas de comunicar-se, pensar e compreender o mundo.

O ambiente, nessa perspectiva, é compreendido como um “terceiro educador” - junto dos professores e das famílias - (Edwards; Gandini; Forman, 2016), um espaço que instiga e sustenta a pesquisa e a imaginação das crianças. Assim, o uso da Alexa foi entendido como uma extensão desse ambiente: uma linguagem tecnológica que dialoga com as demais linguagens expressivas.

TDIC E MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Pierre Lévy (1999) compreende o *ciberespaço* como um novo território de saber compartilhado, no qual o conhecimento é construído de forma colaborativa e dinâmica. Essa perspectiva dialoga com a pedagogia reggiana, que entende a aprendizagem como um processo social, relacional e criativo.





Para Pedro Demo (2018), o uso das tecnologias deve ir além da transmissão de informações, promovendo autoria, criticidade e reconstrução do conhecimento. Nesse contexto, a Alexa atua como mediadora entre o saber técnico e o sensível, despertando nas crianças o desejo de investigar, formular perguntas e compreender o mundo de maneira ativa.

Assim, as TDIC reafirmam o papel da escola como espaço de experimentação e criação compartilhada, tornando-se aliadas na mediação pedagógica e no fortalecimento do protagonismo infantil.

METODOLOGIA

Trata-se do relato de uma experiência com duração de nove meses, que foi realizado a partir de uma pesquisa qualitativa na modalidade pesquisa-ação, desenvolvida com uma turma de 22 crianças da educação infantil, entre 3 e 6 anos de idade. As atividades ocorreram no cotidiano escolar, durante a apresentação do cardápio visual e tátil.

Segundo Severino (2007), a pesquisa-ação envolve simultaneamente a análise de uma situação e a proposição de mudanças que promovam o aprimoramento das práticas. Assim, esta investigação assumiu caráter participativo e formativo, orientado pela escuta e pela interação entre professora e crianças.

A pesquisa qualitativa, ancorada na compreensão dos fenômenos educativos em sua complexidade, valoriza a experiência vivida e os significados atribuídos pelos sujeitos. Conforme Breton & Alves (2021), o relato, quando sistematizado e analisado criticamente, constitui uma forma legítima de produção científica. Nesse sentido, o olhar da professora-pesquisadora sobre o cotidiano revelou o fazer pedagógico como campo investigativo, em diálogo entre teoria e prática, experiência próxima e distante (Geertz, 2004).

Diariamente, as crianças observavam e manipulavam os alimentos representados no cardápio e, em seguida, faziam perguntas à Alexa, buscando compreender os benefícios de cada alimento. As respostas da assistente virtual, frequentemente apresentadas em linguagem científica e com vocabulário complexo, eram traduzidas e contextualizadas pela professora de forma acessível e significativa. Por exemplo, ao





ouvir a palavra “antioxidante”, a docente desenhava na lousa os órgãos do corpo humano, explicando de modo lúdico sua função e importância para a saúde. Em outro momento, ao ouvir “diurético”, esclarecia: “faz bem pra fazer xixi!”, favorecendo a aproximação entre o vocabulário científico e a experiência concreta das crianças.

Os princípios éticos foram rigorosamente observados, com consentimento da instituição e das famílias, garantindo a proteção da identidade e da imagem das crianças envolvidas.

ENTRE VOZES E SABORES: A APRENDIZAGEM COMO DIÁLOGO SENSÍVEL

O uso da Alexa promoveu o desenvolvimento de múltiplas dimensões da aprendizagem infantil. Inicialmente, as crianças demonstraram encantamento com a possibilidade de dialogar com um “robô” que respondia às suas perguntas. Com o tempo, o interesse das crianças foi se transformando: o encanto pelo uso da Alexa deu lugar à curiosidade em compreender o que cada alimento fazia dentro do corpo, despertando novas descobertas, sentidos e emoções.

O trabalho diário com o cardápio visual e tátil, associado à interação com a Alexa, constituiu um verdadeiro *ateliê do sabor* — espaço de pesquisa e experimentação, em que o alimento se tornou linguagem. Nesse processo, a comida revelou-se uma das “cem linguagens” de que fala Malaguzzi (2016), expressando cultura, identidade e saberes coletivos.

As crianças ampliaram o repertório linguístico, demonstrando maior interesse por termos científicos e pelo uso autônomo da linguagem oral. A professora assumiu o papel de mediadora e tradutora de significados (Rinaldi, 2006), articulando a linguagem técnica da Alexa às vivências e percepções infantis.

Como ainda não dominavam a leitura e a escrita, a Alexa atuou como uma potente ferramenta no processo de pesquisa, permitindo que as crianças formulassem perguntas e acessassem informações de modo autônomo e significativo. Demo (2018) observa que a aprendizagem significativa se consolida na autoria e na reflexão — dimensões evidenciadas no protagonismo das crianças durante suas investigações.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada demonstra que as tecnologias digitais, quando utilizadas de modo mediado, crítico e criativo, podem potencializar a aprendizagem e a curiosidade das crianças pequenas. O uso da Alexa não substituiu o papel da professora, mas o ampliou, criando novas formas de interação, pesquisa e escuta.

Inspirado na abordagem reggiana, o trabalho reafirma a importância de compreender as crianças como sujeitos de cem linguagens — entre elas, a linguagem tecnológica. Ao dialogarem com a Alexa, as crianças não apenas pesquisaram sobre alimentação saudável, mas construíram sentidos sobre o corpo, o cuidado e o conhecimento científico.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B.; VALENTE, J. A. Tecnologias e currículos: trajetórias convergentes ou divergentes? São Paulo: Paulus, 2011.

BRETON, D.; ALVES, R. O relato de experiência como produção de conhecimento na pesquisa em educação. Educação & Sociedade, Campinas, v. 42, e025653, 2021.

DEMO, P. Educar pela pesquisa: desafios à inovação. 9. ed. Campinas: Autores Associados, 2018.

EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. (orgs.). As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emília na educação da primeira infância. Porto Alegre: Penso, 2016.

GEERTZ, Clifford. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

KENSKI, V. M. Tecnologias e ensino presencial e a distância. 9. ed. Campinas: Papirus, 2012.

LÉVY, P. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.

MALAGUZZI, L. As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Penso, 2016.

RINALDI, C. In dialogue with Reggio Emilia: listening, researching and learning. London: Routledge, 2006.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Ed. Cortez, 2007.

